

MARGARET ATWOOD

CHAMAVAM-LHE
GRACE

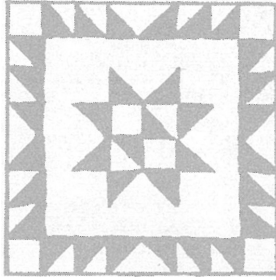
Tradução de
ANA FALCÃO BASTOS



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2018

I

BORDOS IRREGULARES



Por ocasião da minha visita, havia apenas quarenta mulheres na penitenciária. Isto diz muito acerca da superioridade da formação moral do sexo fraco. O objetivo principal da minha ida às suas instalações foi ver a célebre criminosa Grace Marks, sobre a qual ouvira falar muito, não só através de documentos públicos, mas por parte do cavalheiro que a defendeu durante o julgamento e cujas hábeis alegações a salvaram do patíbulo, no qual o seu miserável cúmplice terminou o seu percurso vergonhoso.

— SUSANNA MOODIE, *Life in the Clearings*, 1853

Vem ver
as flores verdadeiras
deste mundo de sofrimento.

— BASHŌ

No saibro há peónias a crescer. Surgem entre as pedras cinzentas soltas, e os seus botões sondam o ar como olhos de caracóis, depois intumescem e abrem-se em enormes flores vermelho-escuras, resplandecentes e lustrosas como cetim. Depois desfazem-se e caem no chão.

No instante que precede a sua desintegração assemelham-se às peónias do jardim do senhor Kinnear, naquele primeiro dia, só que aquelas eram brancas. A Nancy estava a cortá-las. Tinha um vestido claro com botões de rosa cor-de-rosa, uma saia com três folhos e um pequeno chapéu de palha que lhe ocultava o rosto. Levava um cesto de fundo plano, para pôr as flores. Inclina-se fletindo as ancas, como uma senhora, e mantendo a cintura direita. Quando nos ouviu e se virou para olhar, levou a mão à garganta como que sobressaltada.

Caminho de cabeça baixa, de passo certo com as outras, com os olhos fixos no chão, em silêncio, duas a duas à volta do pátio, no interior do quadrado delimitado pelos altos muros de pedra. Tenho as mãos cruzadas à minha frente; estão gretadas, com os nós dos dedos vermelhos. Não me lembro de uma altura em que não estivessem assim. As pontas dos meus sapatos aparecem e desaparecem sob a bainha da saia, azul e branco, azul e branco, triturando o caminho. Esses sapatos assentam-me melhor do que todos os que tive até aqui.

Estamos em 1851. No meu próximo aniversário, vou fazer vinte e quatro anos. Estou aqui fechada desde os dezasseis. Sou uma prisioneira modelo e não dou problemas. É o que diz a esposa do diretor, ouvi-a dizer isso. Sou dotada para ouvir sem dar nas vistas. Se for suficientemente bem-comportada e calma, talvez acabem por me deixar sair; mas não é fácil ser calma e bem-comportada, é como estarmos pendurados na beira

de uma ponte depois de já termos caído. Parece que não nos movemos, só estamos ali suspensos e, no entanto, isso requer todas as nossas forças.

Observo as peónias pelo canto do olho. Sei que não deviam estar aqui: é abril e as peónias não dão flor em abril. Agora há mais três, mesmo à minha frente, a crescerem do próprio caminho. Furtivamente, estendo a mão para tocar numa. Tem uma textura seca e apercebo-me de que é feita de tecido.

Depois vejo a Nancy mais adiante, de joelhos, com o cabelo caído sobre a cara e o sangue a correr para os olhos. À volta do pescoço tem um lençinho de algodão branco com flores azuis estampadas, nigelas-dos-trigos, que é meu. Está com o rosto erguido e as mãos estendidas para mim, a pedir compaixão. Nas orelhas tem pequenos brincos de ouro que em tempos eu invejava, mas que já não cobiço, a Nancy pode ficar com eles porque desta vez tudo será diferente, desta vez irei a correr ajudá-la, levantá-la-ei e enxugarei o sangue com a minha saia, rasgarei uma tira do saíote para fazer uma ligadura, e nada do que aconteceu irá acontecer. O senhor Kinnear voltará para casa à tarde, subirá o caminho de acesso, o McDermott levará o cavalo, o senhor Kinnear irá para a saleta, preparar-lhe-ei café, a Nancy levar-lho-á numa bandeja como gosta de fazer e ele dirá Que bom café. E à noite os pirilampos aparecerão no pomar e haverá música à luz do candeeiro. O Jamie Walsh. O rapaz da flauta.

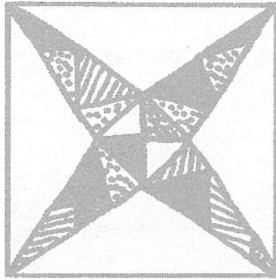
Estou quase a chegar junto da Nancy, ao sítio onde ela está ajoelhada. Mas não altero o passo, não corro, continuo a caminhar, duas a duas; e então a Nancy sorri, só com a boca, os olhos estão escondidos pelo sangue e pelo cabelo, e depois ela desfaz-se em manchas de cor, uma rajada de pétalas de tecido vermelho a varrer as pedras.

Tapo os olhos com as mãos porque de súbito fica escuro e está ali um homem com uma vela, a impedir a passagem pela escada que sobe para o piso de cima. Estou rodeada pelas paredes da cave e sei que nunca sairei daqui.

Foi isto que contei ao doutor Jordan quando chegámos a essa parte da história.

II

ESTRADA PEDREGOSA



Na terça-feira, cerca do meio-dia e dez, na nova prisão da cidade, James McDermott, o assassino do senhor Kinnear, sofreu a condenação suprema prevista pela lei. Havia uma imensa afluência de homens, mulheres e crianças, a aguardar ansiosamente a derradeira luta de um dos seus semelhantes, de um pecador. Não é possível adivinhar que sentimentos moviam estas mulheres que acorriam de longe e de perto, através de lama e de chuva, para assistir a esse horrendo espetáculo. Arriscamos afirmar que não eram muito *delicadas* nem *requintadas*. Nesse momento atroz, o miserável criminoso dava mostras da mesma frieza e ousadia que marcara o seu comportamento desde que fora preso.

— TORONTO MIRROR,
23 de novembro de 1843

Delito	Castigo
Rir e falar	6 vergastadas com gato de nove rabos
Conversar na lavanderia	6 vergastadas com chicote de couro
Ameaçar espancar detidos	24 vergastadas com gato de nove rabos
Falar com guardas de assuntos não relacionados com trabalho	6 vergastadas com gato de nove rabos
Criticar rações quando os guardas mandam sentar	6 vergastadas com chicote de couro, a pão e água
Olhar à volta, distraídos, à mesa do pequeno-almoço	A pão e água
Parar de trabalhar e ir à casa de banho, ocupada por outro preso	36 horas na enxovia, a pão e água.

— LIVRO DAS PUNIÇÕES,
Penitenciária de Kingston, 1843



Grace Marks, vulgo Mary Whitney

James McDermott

Tal como compareceram no tribunal. Acusados dos homicídios do senhor Thomas Kinnear e de Nancy Montgomery

OS ASSASSÍNIOS DO SENHOR THOMAS KINNEAR E DA SUA GOVERNANTA
NANCY MONTGOMERY EM RICHMOND HILL, OS JULGAMENTOS DE
GRACE MARKS E DE JAMES MCDERMOTT E O ENFORCAMENTO DE JAMES
MCDERMOTT NA NOVA PRISÃO DE TORONTO, 21 DE NOVEMBRO DE 1843

Grace Marks era uma criada,
Dezasseis anos era a sua idade.
McDermott era cavaliço
Para Kinnear trabalhava sem vontade.

Thomas Kinnear era um cavalheiro
Que uma vida regalada apreciava.
Nancy Montgomery, a sua governanta
Era a mulher a quem ele mais amava.

Oh, Nancy querida, fica descansada,
Vou à cidade, mas volto de pronto,
Vou levantar dinheiro para te dar
Ao respeitável Banco de Toronto.

Ora Nancy não era bem-nascida,
E apesar de não ser uma princesa,
Vestia sempre do melhor que havia,
Cetim e seda, como a realeza.

Essa Nancy, que não era uma senhora,
Tratava-me pior do que se trata um cão
Atormentava-me de manhã à noite,
Viria a ser a minha perdição.

Grace amava o bom Thomas Kinnear
Mas McDermott tinha por Grace adoração
E foram esses amores desencontrados
A causar tanta dor e aflição.

Querida Grace, minha única paixão.
Um disparate desses nunca ouvi.
Mas se me queres, só te resta a solução
De matar a Nancy Montgomery.

Foi então que ele, com uma machadada,
A cabeça de Nancy rebentou.
Arrastou-a para a entrada da cave
E pela escada abaixo a atirou.

Ah, jovem McDermott, não me mates,
Suplicou com olhos espavoridos.
Grace Marks, se não me maltratares,
Dou-te os meus magníficos vestidos.

Oh, não é pela minha salvação
Nem pelo meu bebé que vai nascer,
Mas por Thomas Kinnear, o meu amor,
Que gostaria de cá estar ao alvorecer.

McDermott agarrou-a pelo cabelo,
Grace Mark pela cabeça a agarrou,
E os dois criminosos, cheios de zelo,
Estrangularam-na até que se finou.

Ah, que fiz eu? À prisão hei de ir parar,
A minha vida está desde já perdida.
A única coisa capaz de nos salvar
É a Thomas Kinnear tirar a vida.

Oh, não, não cometas esse crime.
Poupa-lhe a vida, não o mates neste instante!
Ele tem de morrer, pois tu juraste
Que depois serias minha amante.

Thomas Kinnear chegou de supetão
E mal dentro de casa pôs o pé
McDermott deu-lhe um tiro no coração
Que o fez cair junto da chaminé.

Apareceu então o vendedor ambulante.
Tenho um lindo vestido, não o queres ver?
Neste momento, não tenho dinheiro,
Mas vestidos tenho pra dar e vender.

Depois foi a vez do açougueiro,
Passou por lá como todas as semanas.
O melhor é pôr-se a andar rapidamente,
Agora temos refeições vegetarianas!

Roubaram a Kinnear a prata e o ouro
E tudo o mais que conseguiram encontrar,
Roubaram-lhe o cavalo, o seu maior tesouro,
Para até Toronto poderem viajar.

A horas mortas, num certo dia aziago,
Furtivamente fugiram do Canadá.
Em seguida atravessaram o Lago
Para poderem chegar aos EUA.

Levando McDermott pela mão,
No hotel Lewiston decidiu alojar-se.
E foi com a maior descontração
Que Mary Whitney afirmou chamar-se.

A cave foi onde os encontraram,
Ela com o rosto feito num tição,
Sob a banheira segundo contaram.
Ele de costas, caído no chão.

Kingsmill chamava-se o meirinho
Incumbido de os capturar.
Este embarcou logo de manhã cedinho
Para em Lewiston os procurar.

Ainda nem há seis horas dormiam,
Seis horas ou talvez ainda menos,
Quando chegou ao hotel onde se escondiam
E bateu à porta com os nós dos dedos.

Quem é?, perguntou a bela Grace.
O que desejam a bater assim?
Vocês mataram o bom Thomas Kinnear
E a senhora Nancy Montgomery.

Grace Marks, de pé no tribunal,
Negou de alguma coisa ser culpada.
Afirmou nada ter feito de mal,
E assim escapou a ser enforcada.

Ele obrigou-me a acompanhá-lo
E afirmou que se o denunciasse
Me mataria com um tiro certo,
Um tiro que para o inferno me mandasse.

McDermott, no banco dos réus,
Declarou não ter agido sozinho.
Foi a Grace Marks a instigar-me
E agora está com esta cara de anjinho.

Foi a vez de Jamie Walsh se levantar,
Jurando só a verdade dizer.
O vestido que a Grace está a usar
Era da Nancy, podem todos crer.

McDermott subiu ao cadafalso
E não tardou a ser enforcado.
E Grace acabou encarcerada
Para expiar o seu tremendo pecado.

Uma hora ou duas ficou ele a baloiçar
Como castigo pela sua brutalidade,
Antes de o cortarem aos bocados
Na morgue fria da Universidade.

Na campa de Nancy cresceu uma rosa,
Na de Thomas Kinnear uma hera cresceu
Que se entrançaram numa união perfeita
Criando laços que o tempo não venceu.

Na sinistra penitenciária de Kingston
Grace Marks irá ser encarcerada
Para se arrepender dos seus pecados
E do crime atroz de que foi acusada.

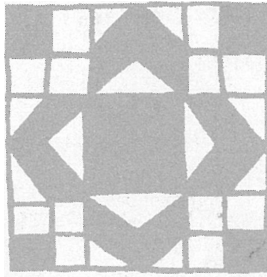
Mas se acaso por fim se arrepender
E expiar o seu crime aterrador
No dia em que morrer iremos vê-la
Sentada no trono do Redentor.

Sentada no trono do Redentor,
Curada de toda a dor que teve,
Com as mãos lavadas de pecado,
Agora branca e pura como a neve.

Agora branca e pura como a neve
Entrará no reino dos céus.
E com todos os pecados perdoados
Repousará à direita de Deus.

III

CINCO CANTINHOS



É uma mulher de estatura mediana, com uma figura esguia e graciosa. Tem uma expressão de melancolia desesperada, que mete dó contemplar. A sua tez é pálida e, antes de essa tristeza infinita a empalidecer, deve ter sido radiosa. Tem olhos de um azul luminoso, o cabelo acobreado e um rosto que poderia ser formoso se não fosse o queixo de rabeça, que lhe confere, como à maioria das pessoas que têm esse defeito facial, uma expressão matreira e cruel.

Grace Marks observa-nos de soslaio, com um olhar furtivo, que nunca se cruza com o nosso, após o que, invariavelmente, fixa a atenção no chão. Parece uma pessoa muito acima do seu estatuto humilde. [...]

— SUSANNA MOODIE, *Life in the Clearings*, 1853

A cativa ergueu o rosto, que era tão doce e suave
Como o de um santo de mármore, ou de um bebé a dormir.
Era tão doce e suave, tão gentil e tão formoso
Que nem a dor nem as penas lhe podiam deixar marca.

A cativa ergueu a mão e à frente a encostou.
«Rude golpe me infligiram», disse, «e agora sofro.»
Vossas correntes e trancas de pouco valem.
Mesmo se forjadas de aço, não poderiam deter-me.

— EMILY BRONTË, «The Prisoner», 1845

1859.

Estou sentada no canapé de veludo roxo na saleta do diretor, na saleta da esposa do diretor; a saleta é sempre a mesma embora a esposa mude, pois os transferem de acordo com a política. Tenho as mãos cruzadas no colo, como deve ser, embora não tenha luvas. As luvas que gostaria de ter seriam lisas e brancas e assentariam sem uma ruga.

Estou muitas vezes nesta saleta, a levantar as coisas do chá e a limpar o pó das pequenas mesas, do espelho comprido com a moldura ornamentada com uvas e folhas, do piano, do relógio de parede que veio da Europa com o sol dourado-laranja e a lua prateada a aparecerem e desaparecerem conforme a hora do dia e a semana do mês. Do que mais gosto na saleta é do relógio, embora ele meça o tempo e isso seja coisa que eu tenho para dar e vender.

Mas é a primeira vez que me sento no canapé destinado às visitas. A senhora Alderman Parkinson disse que uma verdadeira senhora nunca se deve sentar numa cadeira de onde um cavalheiro acabou de se levantar, embora não quisesse explicar porquê; mas a Mary Whitney disse-me, Porque, minha tonta, ainda está quente do rabo dele, o que foi uma coisa grosseira de se dizer. Por isso não posso sentar-me aqui sem pensar nos rabos femininos que se sentaram neste mesmo canapé, todos brancos e delicados, como ovos mal cozidos e tremelicantes.

As visitas usam vestidos de tarde com filas de botões à frente e crinolinhas de metal, rígidas, por baixo. É de pasmar como conseguem sentar-se, e quando andam não há nada que lhes toque nas pernas por baixo das saias de balão, exceto as camisas e as meias. Assemelham-se a cisnes, a deslizar sobre pés invisíveis, ou às medusas que se viam nas

águas do porto rochoso perto da nossa casa, quando eu era pequena, antes de fazer a longa e triste travessia do oceano. Tinham a forma de sinos e oscilavam com graciosidade debaixo de água. Mas se davam à costa e secavam ao sol, nada restava delas na praia. E é como elas que as senhoras são: quase só feitas de água.

Quando me trouxeram aqui pela primeira vez, não havia crinolinas de metal. Nesse tempo eram de crina e ainda nem se pensava nas de arame. Vejo-as penduradas nos guarda-fatos quando vou limpar e despejar os bacios. Fazem lembrar gaiolas. Mas o que têm dentro? Pernas, as pernas das senhoras; pernas engaioladas, que não podem sair para se irem esfregar nas calças dos cavalheiros. A esposa do diretor nunca diz pernas, embora os jornais usassem essa palavra quando falaram da Nancy, com as suas pernas mortas a aparecerem por baixo da banheira.

Não são só as senhoras-medusas que cá vêm. À terça-feira temos a questão feminina e a emancipação desta ou daquela, com pessoas de ideias reformistas, de ambos os sexos. E às quintas-feiras, o círculo dos espíritas, para tomar chá e conversar com os mortos, o que é reconfortante para a esposa do diretor que perdeu o filho. Mas são sobretudo senhoras. Sentam-se a beber golinhos de chá pelas chávenas finas e a esposa do diretor toca um sininho de porcelana. Não lhe agrada ser a esposa do diretor, preferia que o marido fosse diretor de outra coisa que não fosse uma prisão. O diretor tinha amigos suficientemente bons para chegar a diretor da prisão, mas não de outra coisa qualquer.

Por isso, ela está aqui, e precisa de tirar o máximo partido da sua posição social e dos seus êxitos e, embora inspire receio, como uma aranha, e caridade também, sou um dos seus êxitos. Entro na sala, faço uma vénia e ando de um lado para o outro, a boca numa linha reta e a cabeça baixa, a levantar ou a servir as chávenas, conforme. E elas olham-me dissimuladamente por baixo dos chapéus.

Querem ver-me por eu ser uma assassina célebre. Ou, pelo menos, foi o que escreveram. Quando li isso pela primeira vez fiquei surpreendida, porque dizem uma cantora célebre, uma poetisa célebre, um espírito célebre e uma atriz célebre, mas o que haverá para celebrar num crime? Mesmo assim, *assassina* é uma palavra forte associada a uma pessoa. É uma palavra com um cheiro — almiscarado e opressivo, como flores mortas numa jarra.

Por vezes, à noite, murmuro para comigo: *assassina, assassina*. A palavra rumoreja, como uma saia de tafetá a roçar o soalho.

Assassino é apenas brutal. É como um martelo ou um pedaço de metal. Se estas fossem as únicas escolhas, preferia ser uma assassina do que um assassino.

Por vezes, quando estou a limpar o pó do espelho com as uvas, miro-me nele, embora saiba que isso é vaidade. Na saleta, banhada pela luz da tarde, a minha pele é cor de malva pálida, como uma nódoa negra a desvanecer-se, e os meus dentes esverdeados. Penso em tudo que escreveram a meu respeito — que sou um demónio desumano em figura de mulher, que sou a vítima inocente de um patife, forçada contra minha vontade e com a vida ameaçada, que era demasiado ignorante para saber como agir e que enforcar-me seria um crime judicial, que gosto de animais, que sou muito bonita, que tenho uma tez radiosa, que tenho olhos azuis, que tenho olhos verdes, que tenho cabelo cor de cobre e também castanho, que sou alta e também que não ultrapasso a estatura mediana, que me visto bem e com decência, que roubei uma mulher morta para me apresentar assim, que sou despachada e esperta a realizar o meu trabalho, que tenho um temperamento taciturno e que sou por natureza dada a brigas, que aparento ser uma pessoa acima da minha humilde condição, que sou uma boa rapariga com uma índole dócil e que não há nada de negativo a dizer a meu respeito, que sou astuta e manhosa, que tenho uma mente débil e que pouco mais sou do que uma pobre de espírito. E pergunto-me como posso ser tudo isso ao mesmo tempo.

Foi o meu advogado, o doutor Kenneth MacKenzie, que disse que eu pouco mais era do que uma pobre de espírito. Fiquei zangada por causa disso, mas ele respondeu que era de longe a melhor hipótese e que eu não devia dar a impressão de ser demasiado inteligente. Disse que iria defender a minha causa até ao limite das suas capacidades, porque, fosse qual fosse a verdade, na altura eu era pouco mais do que uma criança e, em seu entender, tudo se resumia a uma questão de livre-arbítrio e de as pessoas irem ou não aceitar essa perspectiva. Era um cavalheiro gentil, embora eu não percebesse patavina de grande parte do que dizia, mas deve ter sido uma boa defesa. Os jornais escreveram que ele desempenhou o seu papel com heroísmo, com todas as expectativas contra ele.